

INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO NO ENSINO FUNDAMENTAL I: UM ESTUDO DE CASO NO COLÉGIO DA FACULDADE ADVENTISTA DA BAHIA

*Wellington Gil Rodrigues¹
Rosilene da Silveira Santos Motta²*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo investigar o processo da integração fé e ensino na prática dos professores do Colégio das Faculdades Adventista da Bahia. A base teórica para a pesquisa foi encontrada principalmente em Korniejczuk (2009), Gaebelein (1968), Blamires (1963, 1988), Holmes (1975, 1977), Akers (1977). A abordagem utilizada foi a quali-quantitativa e teve como instrumento principal um questionário estruturado com perguntas abertas e fechadas dividido em sete seções: Perfil dos professores, conceitos, aspectos da relação entre fé e ensino, níveis de implementação da IFE em sala de aula, papel do professor, o ambiente como fator de IFE e o currículo como elemento da IFE. Concluímos que a maioria dos professores apresentam problemas com a teoria e a prática da IFE e que esse processo envolve aspectos curriculares e extra-curriculares inclusive do próprio ambiente escolar, portanto faz-se necessário disponibilizar mais treinamentos sobre a IFE para todo o corpo de funcionários da escola.

PALAVRAS CHAVE: Integração Fé e Ensino. Professor. Ambiente. Currículo.

ABSTRACT

This article aims to investigate the process of integration of faith and teaching (IFE) in the practice of teachers in a seventh day elementary school of Bahia. The theoretical basis for the research was mainly found in Korniejczuk (2009), Gaebelein (1968), Blamires (1963, 1988), Holmes (1975, 1977), Akers (1977). The approach used was qualitative and quantitative and as the main instrument had a structured questionnaire with open and closed questions divided into seven sections: profile of teachers, concepts, aspects of the relationship between faith and education, implementation levels of IFE in the classroom, role of the teacher, the environment as a factor of IFE and the curriculum as part of the IFE. We conclude that most teachers have problems with the theory and practice of IFE and that this process involves curricular and extra-curricular activities including the school environment, therefore it is necessary to provide more training on IFE for all the employees of the school.

KEY WORDS: Integration Faith and Teaching. Professor. Environment. Curriculum.

INTRODUÇÃO

A Educação Adventista vem ocupando lugar significativo na sociedade do Brasil e do Mundo. Tal posição de destaque é devida possivelmente, à sua filosofia educacional e sua qualidade de ensino que além de integrar aspectos cognitivos e espirituais, preocupa-se em formar indivíduos competentes, capazes de exercer com propriedade seu papel de cidadão, tudo isso fundamentado numa cosmovisão bíblico-cristã.

¹ Pedagogo, Mestre em Educação (UFMA), Coordenador do Núcleo de Apoio Integrado à Pesquisa (NAIPE) da Faculdade Adventista da Bahia, e-mail: wellgil2000@hmail.com

² Pedagoga, Bolsista do Programa Interno de Bolsas de Iniciação Científica da Faculdade Adventista da Bahia (FADBA).

Sabemos que toda prática educativa pressupõe uma filosofia educacional que lhe define os propósitos, os meios e o fins dessa educação, essa filosofia por sua vez é derivada de uma visão de mundo, ou seja, conceitos gerais sobre a realidade que orientam o comportamento e o pensamento de um grupo social, essa cosmovisão produz e reproduz uma realidade particular, e um dos locais privilegiados para essa produção e reprodução da realidade é a escola.

O objetivo de todo sistema educacional é formar e moldar o ser humano de determinada maneira e essa maneira específica é definida através das concepções sobre a natureza da realidade, do homem, do conhecimento e dos valores contidas na filosofia educacional que guiam esse sistema.

Nesse sentido, a educação adventista tem como pressuposto principal a sua cosmovisão teísta, ou seja, a sua crença na existência de um ser originador da vida e do universo que transcende a matéria e que se revelou nas páginas da Bíblia e mais especificamente em Jesus Cristo. Tal crença, ou tal fé permeia e influencia a sua prática educacional, dessa forma a filosofia educacional adventista entende que:

A verdadeira educação significa mais do que avançar em certo curso de estudos. É muito mais do que a preparação para a vida presente. Visa o ser todo, e todo o período da existência possível ao homem. É o desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. **Prepara o estudante para a satisfação do serviço neste mundo, e para aquela alegria mais elevada por um mais dilatado serviço no mundo vindouro.** (WHITE, 1968, p. 13, negrito acrescentado).

Esse duplo objetivo, ou seja, preparação para o serviço no mundo atual e no mundo eterno é harmonizado através do conceito de integração fé e ensino. Segundo Byrne (1981, p.49), a história da educação revela que cada grande cultura procurou um centro unificador ou conceito para uma força diretiva em seu sistema educacional. Para os gregos e romanos formar o bom cidadão ou o cidadão virtuoso era indubitavelmente o objetivo integrador. Fora da igreja este conceito amplamente dominava os círculos educacionais até que Tomás de Aquino tentou sua grande síntese, para ele integração consistia grandemente em harmonizar aprendizagem clássica com o cristianismo. Já no período moderno a razão era considerada a base da integração, pois sua liberação levaria à realização de uma perfeita humanidade, este pensamento tinha como base a crença de que a natureza é racional e inteligível. Hoje os educadores procuram novas bases para a integração, o que provê oportunidades aos cristãos para demonstrarem que a Bíblia pode ainda ser utilizada como fator integrador para uma sociedade pós-moderna.

O processo de integração fé e ensino (doravante IFE) nos chamou a atenção devido a sua relevância no sentido de influenciar na formação integral do educando, temos observado as dificuldades dos professores de sair do nível teórico para o exercício de tal integração e também uma integração incompleta, pois geralmente a prática dos professores se limita essencialmente às meditações diárias ou às aulas de religião.

Segundo Korniejczuk (2009a, p. 389) existe abundância de literatura tratando sobre as relações entre fé e ensino, tais como Gaebelein (1968), Blamires (1963, 1988), Holmes (1975, 1977), Akers

(1977), no entanto, nenhuma dessas propostas oferece respostas satisfatórias sobre como operacionalizar a IFE, pois várias questões permanecem sem respostas concretas, tais como: o que significa realmente integrar fé e ensino em termos operacionais? Como os professores podem ajudar os estudantes a integrar fé e ensino? Como acontece na prática da sala de aula a IFE? Korniejczuk também afirma que nenhuma pesquisa empírica foi realizada sobre as muitas maneiras pela qual a IFE pode ser realizada.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender esse processo sistemático de aproximação da atividade educacional de uma perspectiva bíblica, o que envolve estudar suas características, elementos, níveis de integração e modelos de integração e principalmente investigar como ocorre a prática da IFE nas salas de aulas da Educação infantil e das séries iniciais do ensino Fundamental I do Colégio das Faculdades Adventista da Bahia.

O Colégio das Faculdades Adventista da Bahia foi selecionado como local da pesquisa por que é a principal referência para a educação adventista no contexto do nordeste do Brasil e ainda não dispomos de pesquisas sobre este tema neste local, portanto pretendemos auxiliar os professores a identificar em que nível de implementação do processo de integração se encontram, e ajudá-los a encontrar maneiras de melhorar suas técnicas de integração; e de fornecer-lhe mais opções metodológicas que lhes possibilite a inserção efetiva da IFE em sua prática pedagógica.

A abordagem utilizada foi quali-quantitativa, pois empregou procedimentos estatísticos na análise dos dados bem como a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados. Com base em seus objetivos esta pesquisa pode ser classificada como exploratória visto que trata de fenômenos ainda não estudados no âmbito do Colégio das Faculdades Adventistas da Bahia e também como descritiva pois visa também aumentar o conhecimento sobre o assunto de maneira a abrir novas perspectivas para pesquisas futuras. Com base nos procedimentos técnicos ela se classifica como um estudo de caso, o qual tem como característica descrever o contexto em que está acontecendo o fenômeno e preservar o caráter unitário do objeto estudado. (GIL, 2006).

O estudo foi realizado com 10 professores que trabalham ou já trabalharam nas séries iniciais do Colégio das Faculdades Adventistas da Bahia. O único critério de exclusão foi a não assinatura do TCLE e visando preservar a identidade dos professores eles serão referidos como P1, P2, P3 etc. O principal instrumento de coleta de dados foi um questionário com questões abertas e fechadas cujas respostas foram analisadas através de técnicas estatísticas simples com a utilização do Software Excell e também da técnica de análise do discurso. A coleta de dados foi realizada pelos alunos-pesquisadores do Núcleo de Estudos em Ciência e Religião (NECIR) do Programa de Iniciação Científica da Faculdade Adventista de Educação do Nordeste (PIC-FAENE).

O CONCEITO DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

Na busca desse objetivo, ou seja, o desenvolvimento do homem completo, incluindo o aspecto espiritual negligenciado pela educação secular e preparação para a vida eterna, a educação adventista lança mão do conceito de Integração Fé e Ensino (IFE) o qual segundo Stencil (1999) tem se tornado a marca registrada da educação cristã adventista. Mas em que consiste a IFE?

Segundo Rasi apud Korniejczuk (1999, p. 6) na Revista Escola Adventista, Integração Fé e Ensino é:

Um processo deliberativo e sistemático de aproximação da atividade educacional a uma perspectiva bíblica. Seu alvo é assegurar que o aluno sob a influência de professores cristãos deixe a escola já com os valores bíblicos internalizados, que saiam com uma visão de conhecimento, vida e destino cristocêntrica, orientada ao serviço e direcionada ao Reino.

Alguns professores têm uma enorme resistência ao termo integração fé e ensino, pois, interpretam que o termo dá a entender que fé e ensino são duas coisas separadas que precisam ser juntadas pela ação do professor. No entanto, entendemos que essa afirmação equivale a dizer “se já existisse a integração fé e ensino não se precisaria falar de integração fé e ensino”, ou seja, é uma redundância, entendemos que o conceito de integração fé e ensino vem comunicar justamente o que precisa ser feito (o que deve ser) em contraposição ao que é, isto é, a separação entre fé e ensino. Percebemos que essa resistência é mais em relação à nomenclatura do termo e não a idéia em si, já que todos desejamos que fé e ensino sejam realmente coisas integradas. Esse posicionamento de alguns professores pode dá a entender que eles entendem fé e ensino como sendo a mesma coisa, daí que falar de integração fé e ensino equivaleria a separar essas instâncias, o que não é o caso aqui, visto que são conceitos diferentes.

Por isso, ao se discutir sobre IFE é extremamente necessário que se defina o que se entende por fé e ensino. Wilhoit (1987) afirma que a existência de dois termos (fé e ensino) sugere a algumas pessoas a existência de duas esferas qualitativamente diferentes de compreensão, algo como a categoria de maçãs e laranjas, as quais os professores devem preparar e servir como um prato único para os esfomeados estudantes. Ele distingue os dois termos afirmando:

[...] ensino representa aquelas coisas as quais nós podemos verificar pelo método científico (tal como água sendo composto de duas partes de hidrogênio e uma de oxigênio), enquanto fé relaciona-se aquelas coisas as quais nós não podemos testar ou racionalizar (tais como o conceito de que Deus é todo poderoso). Finalmente, a diferença entre fé e ensino é a questão das origens – com fé representando a esfera de entendimento como revelada por Deus em sua palavra, e ensino representando a esfera de entendimento como descoberta e registrada pelo homem. Wilhoit (1987, p. 78) apud Korniejczuk (2009a, p. 380).

De Jong (1989) apud Korniejczuk (2009a, p. 383) afirma que os cristãos tendem a pensar em “clusters”, ou seja, em aglomerados, e que eles tendem a separar fé do conhecimento, assim ligando fé com a religião e o conhecimento com a ciência, mas sem uma relação entre todos os elementos, dessa forma, ele considera que o maior desafio da educação cristã hoje é descobrir a unidade de tudo o que é conhecido, formulando para as crianças uma visão mental única.

No entanto Gaebeleim (1968) afirma que enquanto a educação secular está procurando por fatores que gerem integração (e isto pode ser notado nas discussões sobre Temas Transversais, Multi, Inter, Pluri e Transversalidade) a Educação cristã já tem seu fator integrador que é Deus e a Bíblia.

COMPONENTES DA INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

O processo de integração fé e ensino abrange alguns aspectos essenciais para sua efetiva realização e segundo Gaebeleim (1968, p. 382) deve compreender três componentes fundamentais: professor, ambiente (atmosfera escolar) e currículo.

O PROFESSOR COMO AGENTE DA IFE

Se a Bíblia é o elemento integrador no processo da IFE, o professor é o agente que a efetiva, pois segundo Aguilar (1997, p. 36):

No processo da Integração Fé e Ensino, o educador Adventista deve estar consciente de que tem uma missão a cumprir. Essa missão esta delineada na cosmovisão bíblico-adventista, preparando jovens para a eternidade. A cosmovisão adventista propõe selecionar lições das disciplinas escolares para integrá-las com temas bíblicos. Para esse trabalho o educador deve renovar diariamente sua conversão. A integração de lições com temas bíblicos não é fruto de uma meditação humana; mas um trabalho de inspiração do Espírito Santo. Semelhante ao processo da Santificação o surgimento do novo professor é paulatino, porém ascendente, até atingir a Escola do Além.

Percebe-se que a conversão do professor adventista é fator primordial no processo da IFE, pois devido ao seu contato direto com o aluno seu exemplo exerce muita influência. Portanto por causa deste relacionamento tão próximo com o aluno é que o docente deva cuidar mais de sua vida diária de comunhão com Jesus.

O professor pode entender muitas coisas com relação ao universo físico; poderá ter conhecimentos quanto à estrutura animal, às descobertas da ciência natural, às invenções da mecânica; não poderá, no entanto, chamar-se educador, não é apto para seu trabalho como instrutor de jovens, a menos que tenha na própria alma o conhecimento de Deus e de Cristo. Não pode ser verdadeiro educador enquanto não se tornar por sua vez, discípulo na escola de Cristo, recebendo educação do divino instrutor. (WHITE, 2000, p.65)

Por outro lado como expõe Lee (1990, p. 294) apud Becker (1995, p.13): “*A consagração do professor não é substituto para a habilidade pedagógica*”, pois, Lee afirma que o educador cresce e se desenvolve no ato da instrução, incluindo a fé; para ele a fé é transformada no ato de ser ensinada.

Para que a integração da fé e aprendizagem se torne uma realidade nas escolas adventistas, é preciso que os professores concentrem seu tempo, esforço, competência e espiritualidade na ação de fazê-la acontecer, pois, conforme Akers (1995 p.3):

[...] a integração ocorre apenas através dos esforços do professor. [...] ele é o currículo, porque o aprendizado é grandemente comunicado através de sua visão de mundo. O professor se torna o grande interprete; aquele que dá significado. A informação é inerte até que alguém dê significado humano e espiritual.

Logo, à proporção que se coloca em prática a fé através do ensino, esta é aprimorada e torna-se crescente em qualidade e valor.

Uma das perguntas que surgiram em decorrência dessa pesquisa é: Como um professor não adventista poderá realizar a IFE, já que a sua visão de mundo é diferente da visão bíblico-cristã do professor adventista? Tentaremos dar algumas respostas nesse sentido, mais adiante.

O CURRÍCULO COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

Fazendo parte também deste processo, o “currículo” é outro componente da IFE, e assim como o professor e o ambiente pode também comunicar a filosofia adventista. Byrne (1981, p.109) diz que há várias definições quanto a currículo, e que é uma palavra derivada da palavra latina “Curriculum” que quer dizer “um lugar de correr”, ou seja, o currículo é um curso de estudos, uma linha de progresso através de uma série de assuntos, ou matérias, num sentido mais amplo inclui toda a vida, pois inclui todas as atividades e experiências que são utilizadas escola em busca dos alvos da educação. Num significado mais restrito, currículo é uma área ou campo de matérias, organizado em áreas de aprendizagem com o propósito de perpetuar a herança cultural.

No entanto, é no sentido tanto amplo quanto restrito que o currículo deve ser usado como componente de IFE. Um currículo cristão se faz necessário, ou seja, um currículo centrado em Cristo. Segundo Byrne:

O currículo cristão começa propriamente com a Bíblia, a palavra de Deus. Isto é verdadeiro quando se concebe o currículo no sentido amplo como compreendendo todas as experiências educacionais planejadas ou em sentido restrito como o material factual das disciplinas ou matérias. A Bíblia em si se torna a matéria central no currículo das matérias. Como ela contém relato da verdade de Deus conforme inspirado pelo Espírito Santo e revela a pessoa de Deus, Seu Filho e sua maneira de tratar com os homens, também é a base pela qual todos os outros canais de conhecimento são avaliados e usados. Através disto ela se torna o fator integrante e correlacionador no currículo das matérias. Através da Bíblia é que se torna possível e claro a inter-relação

de todas as outras matérias e verdades. Isto quer dizer que todas as outras matérias e verdades tem seu primeiro ponto de referência na Palavra de Deus, retiram seu material da Bíblia com seu acúmulo de fator para interpretação e aplicação prática. [...]. As funções da Bíblia no currículo de matérias são: prover conteúdo em si e prover uma função de serviço para outras matérias. (BYRNE, 1981, p.45).

Muitos fatores afetam o currículo, Byrne (1981, p. 125-127), cita alguns como: alvos, objetivos, a natureza do aluno, a tradição, a liderança profissional, demanda pública, influência da educação secular, o uso do método científico e organização. Mas o fator “espiritual” é que será mais necessário como elemento influenciado num currículo cristão. Uma das questões a serem tratadas na parte da discussão dos resultados é se existe um grau maior de dificuldade de se realizar a IFE de acordo com os conteúdos das diferentes disciplinas.

O AMBIENTE COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

Outro componente que participa do processo da IFE é a *atmosfera escolar*, ou seja, o ambiente. Já que, conforme foi citado anteriormente por Rasi a “IFE é um processo sistemático e deliberativo”; devemos compreender que além do professor, todo o corpo de profissionais de educação e equipes de apoio devem estar envolvidos neste processo de forma planejada e ativa para que o ambiente seja adequado e influencie através da boa aparência, das gentilezas, das formas diligentes e honestas de agirem, da segurança e beleza do espaço físico e principalmente das atitudes que demonstram competência e profissionalismo de todos sem contar com a preocupação de cuidar de sua devoção pessoal. Um ambiente organizado, limpo, harmônico e feliz é fator também integrador. Existe singular diferença entre um ambiente assim e um ambiente escolar secular, apesar de existirem instituições que seguem princípios de disciplina e ordem, o ambiente cristão deve ser diferenciado pela atmosfera de paz e segurança. O que acontece é que muitas das escolas cristãs estão cada vez mais parecidas com as seculares, isto implica na criação de um dualismo sagrado/secular, o que de acordo com Akers (1995, p.5):

É uma trágica situação quando um campus cristão está dividido entre domínios sagrados e seculares, como se eles estivessem separados em compartimentos. Em muitas escolas cristãs, o currículo não é nada diferente de uma escola secular convencional (exceto pelo requerimento de classes de religião). Atividades religiosas tais como cultos diários, capelas, serviços de fins de semana e semanas de ênfase espiritual, são apenas mencionadas. Em tais escolas as preocupações espirituais são mantidas fora dos estudos, para se conservar a “respeitabilidade acadêmica”. Essa atitude cria um dualismo, mantido pela própria escola, que ensina aos jovens uma clara mensagem acerca do lugar da religião. De fato, tal mensagem diz: “Você pode separar o secular do sagrado em sua vida, assim como nós, prudentemente, administramos tal distinção aqui na escola.” Tal mensagem tem profundas implicações sociológicas e espirituais. Ela constitui uma deplorável capitulação da responsabilidade da escola.

Outros autores citam alguns aspectos do ambiente, instruindo como devem ser. Lima (1999), por exemplo, diz que: *‘O edifício escolar tem seu papel a cumprir, ele deve ser diferente na estrutura, no bom gosto e funcionalidade, Precisa ser confortável, seguro e arejado’*. White apud Lima (1999, p. 198), sobre o mesmo aspecto comenta:

Não é o edifício grande e dispendioso; não é o mobiliário de luxo [...] que comunicará a nossa influência e êxito. É a fé e a fé que atua por amor e purifica a alma; é a atmosfera de graça que circunda o crente; é o Espírito atuando na mente e no coração que o torna um cheiro de vida para a vida e faz com que Deus abençoe a sua obra.

Percebemos nessas citações novamente a presença de um duplo aspecto, isto é, a atmosfera escolar externa deve refletir a situação da atmosfera interior, dessa forma um coração verdadeiramente convertido implicará na produção de um ambiente que reflita essa transformação do caráter, a estrutura física pode falar dos valores espirituais que são priorizados pela instituição, podemos citar como exemplo a presença de locais apropriados para uma comunhão com Deus em vários prédios (residenciais, administrativos, acadêmicos etc.).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção serão analisados os resultados das questões selecionadas que mais tiveram respostas significativas para o nosso Estudo de Caso. Embora seja necessário fazer análise de todas as questões, para maiores e mais amplas considerações, buscamos apenas aquelas que tiveram uma relação mais próxima aos marcos teóricos do nosso trabalho.

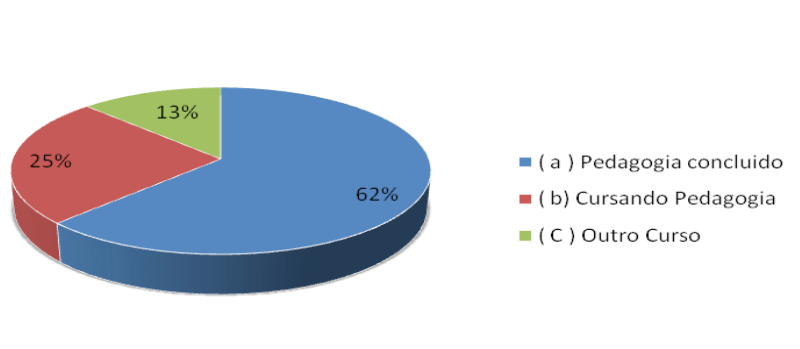
O PROFESSOR COMO ELEMENTO INTEGRADOR

O professor tem uma importância essencial no processo da IFE, e dependendo da idade, do tempo de experiência, do tempo de adventista etc.; a influência neste processo será mais ou menos significativa, portanto torna-se relevante apresentarmos alguns desses dados, pois farão diferença na discussão e conclusões dos resultados.

Em relação à formação dos professores da educação e das séries iniciais do Colégio da Faculdade Adventista da Bahia pudemos constatar que a maioria dos professores tem curso de pedagogia concluído ou estão em processo de formação, apenas 13% foram aqueles que fizeram outro curso e foi justamente um dentre eles que se destacou pela coerência de suas respostas de acordo com o referencial teórico adotado. Este professor cursou teologia e psicopedagogia e lecionou por vários anos nas séries iniciais, este fato levanta alguns questionamentos: a) Os alunos dos cursos de pedagogia estão tendo formação necessária para integrar fé e ensino em sua prática de sala de aula? b) o fato de este professor ter formação em teologia e ter dado aulas de ensino religioso como matéria específica nas séries iniciais

confirmaria a concepção dicotômica de que a IFE é essencialmente uma tarefa para a área de ensino religioso, e que pessoas formadas na área religiosa estão mais capacitadas para operacionalizar a IFE?

Ilustração 1 – Gráfico sobre formação do professor



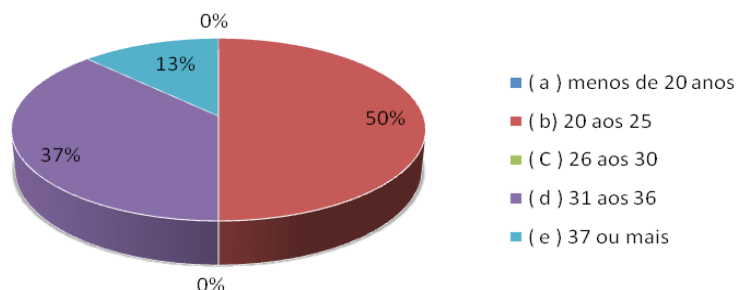
Fonte: pesquisa direta (2009)

A primeira pergunta só teria relevância se todos os professores ou a maioria tivessem adquirido sua formação em instituições adventistas o que acreditamos ser o caso da maioria, (o nosso questionário não contemplou essa informação) portanto isso poderia ser a indicação da necessidade de se explorar mais o conceito e a prática da IFE durante o próprio curso de formação de professores das séries iniciais.

Em relação à segunda pergunta podemos destacar dois aspectos principais. Primeiro, a IFE não deve ser restrita a uma área específica tal como o próprio professor 3 destacou “*A IFE não deve ser limitada à sala de aula, aos conteúdos curriculares. Deve estar presente na instituição escolar como um todo. Deve começar com as pessoas, incluindo sua visão de mundo e da vida além de sua competência profissional.*” A IFE é tarefa de todos os professores em todas as disciplinas, no entanto, isso nos leva ao segundo aspecto que tem a ver com a formação dos professores, pareceu-nos que o professor 3 realizou a integração em si mesmo e como resultado essa integração transpareceu para sua prática cotidiana, ou seja, o processo da IFE tem uma dimensão muito pessoal de comprometimento, algo que não pode ser adquirido simplesmente através de conteúdos específicos mas que envolve um estilo de vida, é claro que não se pode desprezar a característica de síntese que a dupla formação proporcionou ao professor 3, talvez até mesmo ajudando-o a entender e vivenciar esse processo. Como nem todos os professores terão a oportunidade de realizar uma dupla formação, cabe aos organizadores de curso e administradores de instituições educativas fazer um planejamento estratégico visando possibilitar uma maior vivência do processo da IFE em todas as instâncias.

Um outro fator a ser analisado é a influência do tempo no processo de operacionalização da IFE, destacamos a idade dos professores, o tempo de vivência da filosofia adventista como um todo e o tempo de trabalho na rede de educação adventista.

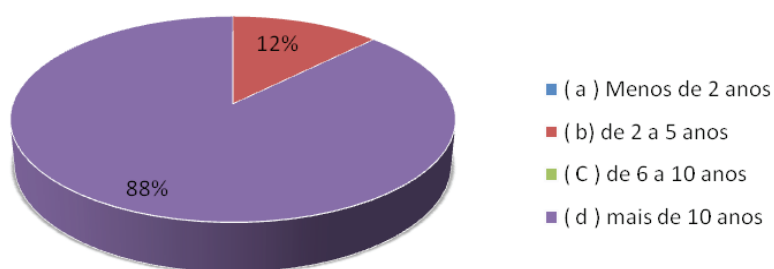
Ilustração 2 – Gráfico da idade dos professores



Fonte: pesquisa direta (2009)

Percebemos que a metade dos professores situa-se na faixa dos 20 aos 25 anos, justamente no período em que está acontecendo o processo de formação acadêmica, são jovens e sem dúvida muitos deles já estão formados e são agora responsáveis pela formação de crianças, no entanto, apesar de pouco tempo de formados a maioria deles (quase 90%) tem mais de 10 anos de vivência da filosofia adventista, o que pode indicar que a maioria é de família adventista e, portanto tiveram uma formação fundamentada nos princípios bíblico-cristãos.

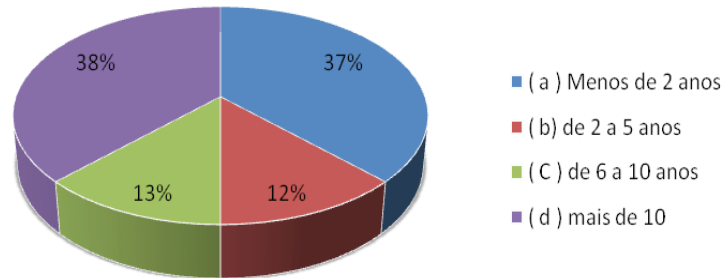
Ilustração 3 – Gráfico sobre o tempo de vivência da filosofia adventista



Fonte: pesquisa direta (2009)

Um último aspecto do fator tempo é o relacionado ao tempo de trabalho nas instituições educativas adventistas, enquanto quase 40% têm mais de 10 anos como professores da rede adventista, uma significativa parcela (37%) tem menos de 2 anos de experiência, o que isso pode indicar?

Ilustração 4 – Gráfico sobre tempo de trabalho como professor na rede adventista



Fonte: pesquisa direta (2009)

Primeiro, que quase a metade dos pesquisados são jovens e inexperientes em relação ao trabalho como professores, no entanto, tem já uma vivência suficiente da filosofia educacional adventista provin- da de seu tempo como adventista e também da sua educação familiar.

Segundo, parece-nos que a vivência do aspecto “fé” não é suficiente para garantir o bom desem- penho do aspecto “ensino”, é necessário que esses dois aspectos possam ser desenvolvidos de forma integrada, o que se poderia esperar de um grupo de professores que tem vivência e experiência no ensino, no entanto, até mesmo o grupo dos professores mais experientes (38%) não demonstrou uma maturidade no entendimento do conceito do que seja a IFE.

Ora, conceituar nem sempre é uma tarefa fácil e percebemos que a maioria das respostas dadas à pergunta sobre o conceito pessoal de IFE está relaciona a uma palavra-chave “vivência”, essa palavra e suas correlacionadas tais como “viver”, “prática”, “exemplo de vida” revelam que os professores tendem a entender o conceito de IFE enquanto algo muito pessoal que tem a ver com a postura do professor em sala de aula. Isso com certeza é positivo, mas também aponta para uma não sistematização do processo, ou seja, os professores privilegiam a vivência da integração mas isso não fica muito claro nos planejamentos ou no currículo formal, pareceu-nos mais próximo do currículo oculto, uma forma de influenciar pelo exemplo, pela vivência e não por algo explícito e patente. O ideal é que a prática, o conhecimento científico e a fé devam se tornar um só.

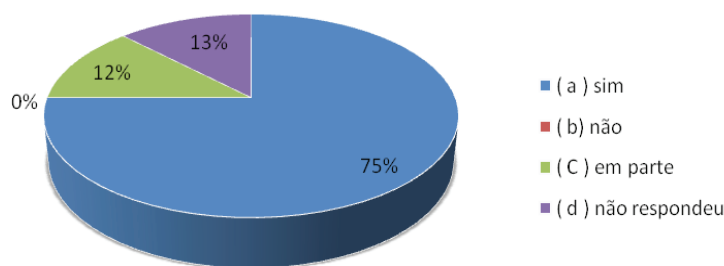
Um dos professores que se destacou por sua experiência e tentativas de integrar fé e ensino, nos deu uma declaração bem clara sobre o que seja a IFE:

IFE é uma total fusão entre fé e o ensino, num processo intencional sem dicotomia e planejada dentro da perspectiva bíblico cristã onde a bíblia é a base permeadora de todas as ações pedagógicas da escola e da instituição escolar como um todo. É a vivên- cia da fé que professamos, em todas as atividades escolares, ou seja, é a presença da filosofia da educação adventista e sua crença em tudo o que se faz em uma escola- na sala de aula e extraclasse, em todo campus. IFE é ter a fé inserida no ensino, ocupando o mesmo campo. A IFE deve ser prioridade no planejamento com a pretensão de edu-

car não apenas para esta vida, mas para a eternidade, procurando, internalizar valores, estimular conduta de um cidadão daqui e do céu, imprimir um caráter nobre junto com o conhecimento secular. Explorando o conhecimento em todos os aspectos e áreas tendo em vista o ser humano como um “todo” - todas as suas dimensões- físicas, intelectuais, psicossociais e espirituais. (P3).

Confirmando assim o que diz Chaves (1994, p.75) “*Portanto, IFE antes de ser algo para se fazer, é algo para se viver. É evidência do relacionamento do professor com Aquele que o salvou*”. Ora, se o processo de IFE tem a ver com a questão da “vivência”, ou seja, se o professor precisa primeiramente realizar a IFE em sua própria vida para então compartilhá-la, um professor não adventista que trabalha na escola adventista pode realizar a IFE? Fizemos essa pergunta aos professores e obtivemos as seguintes respostas:

Ilustração 5- Gráfico: Professor não adventista e a IFE



Fonte: pesquisa direta (2009)

É paradoxal que, enquanto a maioria dos professores relacionou a IFE a uma vivência, a uma prática, nenhum dos professores respondeu negativamente a essa pergunta. Todavia, analisando-se as respostas podemos perceber que o “sim” é sempre acompanhado de conseqüências prejudiciais ao processo ou condições a serem realizadas para que esse sim se torne efetivo, tais como:

“*Sim, mas se torna uma atividade quase mecanizada*”. (P1).

“*Sim, desde que entenda o que seja a IFE, Ex: princípios de saúde. Certas normas de conduta. Estilo de vida*”. (P2).

“*Sim, mas é complicado tentar passar o que não se crê e nem vive*”. (P5).

“*Sim, é só conhecer bem a filosofia cristã, porém fica mais difícil*”. (P7).

O professor 3 resolveu optar pela alternativa em parte:

“*Em parte, no que diz respeito a fé se ele for religioso, mas não especificamente com relação ao que nós como adventistas cremos e professamos*”. (P3).

Concluimos, portanto que o “sim” e o “em parte” estão transmitindo a mesma idéia, ou seja, existe sempre uma condição que os professores não adventistas tem de cumprir para conseguirem realizar a IFE. Percebemos, no entanto, que essas condições também se aplicam ao professor adventista, no sentido completo de vivência e prática de IFE.

Tentamos apreender as possíveis relações entre fé e ensino na visão dos professores, pois cada

professor tende a enfatizar ou um ou outro pólo da relação entre fé e aprendizagem, alguns outros tentam alguma forma de equilibrar essas visões. Discutiremos agora essas relações baseados no artigo de Korniejczuk (1997) Niveles de Integración de Fe entre La Cosmovisión Y La Asignatura.

Segundo Korniejczuk, Holmes (1975) apresentou as bases filosóficas para identificar os níveis de integração fé e ensino, posteriormente as idéias de Holmes foram sistematizadas por Akers (1977) e resultaram em quatro modelos de relações entre fé e ensino que os professores podem adotar, dessa forma, pedimos aos professores que assinalassem a alternativa que mais corretamente descrevesse a sua visão e o entendimento atual deles sobre as relações entre fé e ensino. Apresentamos abaixo as opções para visualizarmos melhor o pensamento dos professores.

Indicando a relação de **Dualismo** a opção (a) afirmava “Eu entendo que assuntos da fé e do ensino devam ser separados, pois percebo que o sagrado e o secular são dois campos distintos, não tento misturar minhas disciplinas com minha visão religiosa.”

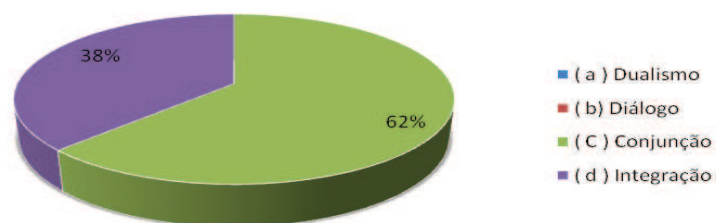
Para a relação de **Diálogo** a opção (b) dizia “Eu entendo que existem diferenças entre fé e o ensino, que pode haver possibilidade de diálogo entre os dois campos, mas são dois mundos nitidamente separados. Se houver alguma correspondência entre eles é sempre com ampla negociação e com separação.”

A opção (c) transmitia a idéia de **Conjunção** “Eu tento unir os dois campos utilizando os pontos de contato natural entre eles, onde a fé parece de algum modo tocar os assuntos das disciplinas ou servir como ilustração de alguma lição moral. Sempre que possível aproveito as oportunidades para introduzir assuntos espirituais.”

Finalmente a opção (d) descrevia a **Integração** “Eu entendo que minha disciplina é outra maneira de conhecer a Deus e que a verdade inclui todos os assuntos e todas as disciplinas. Não existe nenhuma dicotomia/ separação entre o sagrado e o secular, para mim o natural e o espiritual são expressões um do outro.”

De acordo com os conceitos e definições dessas categorias os professores responderam:

Ilustração 6 - Gráfico sobre aspectos da relação entre fé e ensino I



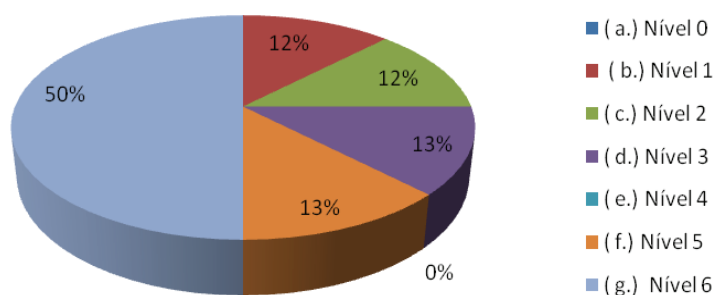
Fonte: pesquisa direta (2009)

Percebemos que quase dois terços dos professores entendem que a relação entre fé e ensino se caracteriza pela Conjunção, ou seja, o professor tenta reunir os dois campos sempre que pode, buscando apresentar exemplos espirituais para ilustrar os conteúdos de sua disciplina, no entanto, isso não é o suficiente, pois para Korniejczuk (1997, p. 3) o professor “*usa os pontos naturais de contato entre religião e sua disciplina, porém a união é somente parcial ou incompleta.*” Apesar dessa incompletude percebe-se que existe um movimento (quase 40% dos professores) para atingir o ideal da integração/fusão onde o natural e o espiritual são expressões um do outro.

Além da questão do nível de entendimento, foi de suma importância para esse trabalho investigar o *nível da prática dos professores em relação à IFE*. Os níveis de implementação da IFE são seis e tem como objetivo serem uma fonte de reflexão para os professores fazerem uma auto-avaliação verificando qual seria o nível em que se encontram. Korniejczuk e Brantley, (1999, p. 6-7) apresentam uma tabela dos níveis de implementação de IFE na sala de aula. É uma adaptação de dois modelos amplamente usados: O modelo de adoção baseado nas preocupações, por Gene Hall, Shirley Hord, e seus associados; e os estágios de IFE descritos por Arthur Holmes e articulado por George Akers. Para investigar esses níveis pedimos aos professores que assinalassem a alternativa que mais corretamente descrevesse a sua atuação e da sua escola (quando fosse o caso) em relação à prática da Integração fé e ensino.

1. Eu tenho pouco ou nenhum conhecimento sobre a IFE (Nível 0).
2. Eu tenho adquirido ou estou adquirindo informações sobre a IFE (Nível 1).
3. Eu sei como implementar a IFE em pelo menos alguns temas (Nível 2).
4. Eu deliberadamente tento implementar a IFE mas sem um planejamento (Nível 3).
5. Eu possuo um uso já estabilizado da IFE, mas não faço nenhuma mudança no processo de IFE. (Nível 4).
6. Eu vario a implementação da IFE com o fim de causar maior impacto sobre os estudantes. (Nível 5).
7. Eu coopero com colegas com fim de debater e melhorar a prática de IFE. (Nível 6).

Ilustração 7- Gráfico sobre Níveis de implementação da IFE



Fonte: pesquisa direta (2009)

Percebemos que metade dos professores optou pelo mais alto nível de IFE, ou seja, a IFE chegou a um nível de implementação na qual os professores se reúnem para discutir e debater sobre como melhorar a sua prática. Relacionando esta resposta com as demais do questionário, o resultado desta é

questionável, pois, teoricamente os níveis que mais se adequariam à maioria dos professores seria entre o de número 3 e 4, já que apresentam características bem marcantes de professores que apesar de terem consciência do processo não o praticam de forma sistemática, ou o praticam de forma restrita.

Quando questionados sobre quais os principais obstáculos que eles enfrentam para a implementação da IFE em sala de aula, houve respostas variadas. Dois afirmaram que não encontram nenhum obstáculo (P1 e P4), um deles explicou essa facilidade com o fato de trabalhar em uma instituição profissional, outro já relacionou esse mesmo fato com uma dificuldade que foi vencer a incredulidade dos alunos não adventistas (P2) e o professor 3 apontou duas principais dificuldades: pouco tempo para trabalhar os conteúdos e a fragmentação dos mesmos,

- extensos conteúdos, grande número de conteúdos por bimestre
- especialização exercida sem margem para a interdisciplinaridade, voltada para a separação entre o secular e a fé. Fragmentação do conhecimento.
- muito conteúdo para pouco tempo. (P3).

Entendemos que uma possível solução para esses dois problemas está no conceito de integração, o qual segundo Byrne,

Significa fazer um todo, unificar, ajuntar as partes. É o meio pelo qual se alcança a unidade. “O oposto indesejável de integração é separação e é freqüentemente expresso através de tais críticas como “distinto” ou “que provoca lascas”. Separação implica também na existência de uma característica positiva, de conexão e relação provida no conteúdo de integração. (1981, p. 49)

Em outras palavras, os conteúdos da fé devem estar interligados aos conteúdos disciplinares isso pode superar a fragmentação e economiza tempo. Isso nos remete ao próximo tópico que é a importância do currículo no processo da IFE.

O CURRÍCULO COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

O currículo é uma questão muito discutida e de essencial importância na realização da IFE, já que pode ser considerado o ‘alicerce’ do planejamento, da metodologia e das concepções pedagógicas. Portanto, as respostas dos questionários em relação à questão: “Dê exemplos práticos sobre como, quando e onde pode acontecer a IFE” são bastante relevantes para a discussão sobre este assunto.

Para compreendermos melhor e fazermos uma análise destacamos o como, o quando e onde pode acontecer a IFE:

- O COMO PODE ACONTECER A IFE:

Os professores responderam: “*evidenciar a sua fé ao ensinar*” (P2), “*através de histórias, de brincadeiras, comparações, etc.*” (P5), “*Postura do professor no trato com os alunos e exemplos do cotidiano.*” (P6). Somente um dos professores apontou unicamente os conteúdos disciplinares, o que demonstra que a IFE na visão dos professores está muito relacionada à atitude, exemplo, postura do professor.

- O QUANDO PODE ACONTECER A IFE:

O momento que acontece a IFE é muito importante, os professores tiveram respostas bastante semelhantes quanto a esse assunto, como por exemplo: “A IFE pode e deve acontecer no dia a dia” (P5), “valores ensinados no dia a dia” (P6), “pode ocorrer todos os dias em todas as disciplinas.” (P1). O aspecto preponderante demonstrado aqui foi o da frequência e cotidianidade necessárias para a realização da IFE.

- ONDE PODE ACONTECER A IFE:

Quanto ao local que deve acontecer a IFE os professores responderam de formas variadas, um pensa que acontece “em todas as disciplinas” (P1), o que praticamente implica em sala de aula, outro “ao ensinar” (P2), outro “dentro e fora do ambiente escolar” (P4), “Na sala de aula, na quadra de esportes, no pátio, em toda a escola”. (P5). Segundo esses professores a IFE pode acontecer tanto na sala de aula como nas atividades extracurriculares, o que corresponde a uma visão correta sobre o processo da IFE.

Apesar da maioria dos professores apresentarem a sua visão sobre a IFE como algo que perpassa todos os momentos e lugares; ainda percebemos que o processo está muito ligado ao ambiente da sala de aula e a postura do professor, no entanto, destacamos a necessidade de integrar a IFE ao processo de planejamento escolar de acordo com a proposta transcrita abaixo:

Através de planejamento intencional e interdisciplinar, planejamento geral de curso de unidade e de aula. Integrando conteúdos. Trazendo conexões e interligações entre a sua e as demais disciplinas. Utilizando métodos com técnicas diversificadas, dinâmicas e ativas. Explorando os conteúdos sob a luz da Palavra de Deus. (P3).

O planejamento interdisciplinar nas escolas adventistas está muito relacionado aos valores a serem trabalhados em determinado período de tempo, como apontou um dos professores ao ser questionado sobre exemplos de sua prática de IFE na sala de aula: “valores, cada unidade é desenvolvido um trabalho com base em um valor abordado.” (P1).

Quando se trata de uma disciplina específica surge a questão se existem um grau maior de dificuldade para realizar a IFE em algumas disciplinas do que em outras e porque? A maioria dos professores respondeu que “não” mas não deram explicações sobre o porque de não encontrarem dificuldades, já o professor 3 respondeu que sim e explicou,

No entanto, todas as disciplinas podem fazer esta integração num grau maior ou menor. Penso que a dificuldade não está com a disciplina como um todo, mas com alguns conteúdos. Por exemplo, da matemática. Entrevistando um professor ele me apontou o conteúdo específico: polinômios. Creio que pode ser trabalhoso, mas é possível.

Compreendemos que as dificuldades encontradas pelos professores para integrar os conteúdos da fé ao ensino podem empurrar a ênfase da IFE não para o conteúdo em si mas para a questão das atitudes e posturas do professor, isto é, ensinar pelo exemplo, priorizar relacionamentos e não os conteúdos. Novamente vemos a tendência para dualizar o processo, fragmentando-o.

Concluimos, portanto que as questões curriculares devem ser vistas numa perspectiva mais ampla, envolvendo atitudes, conteúdos, espaços de sala de aula e extraclasse, ou seja, “numa escola, tudo educa.” (P3), o que indica a importância do ambiente no processo da IFE.

O AMBIENTE COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO

Becker (1995, p.11) falando sobre a sala de aula (outro aspecto do ambiente), diz: “A classe é um lugar sagrado, onde o estudo da literatura sagrada, oração, histórias e disciplinas podem transformar o aprendizado em adoração”.

O clima espiritual se expressa em tudo “*ao visitarmos qualquer unidade escolar adventista sentimos um clima diferente: o tratamento e o próprio vocabulário nos identificam.*” Fuckner (1997, p.194). Essa identidade se deve a uma questão de fé, de que Deus está guiando, protegendo e trazendo um clima de paz e harmonia em tudo, inclusive nos relacionamentos.

A IFE não deve ser limitada à sala de aula, aos conteúdos curriculares. Deve estar presente na instituição escolar como um todo. Deve começar com as pessoas, incluindo sua visão de mundo e da vida além de sua competência profissional. A IFE é prioridade no planejamento geral de uma instituição educacional adventista, não apenas no plano de aula. O líder da instituição, toda a sua equipe, todos os servidores e serviços, devem estar imbuídos deste ideal, e serem instruídos e capacitados para o exercício da IFE, pois numa escola ‘tudo educa’. Todos os departamentos, todas as pessoas envolvidas em alguma atividade da escola, dentro ou fora da sala de aula, devem antes de qualquer coisa reconhecer a Deus como a fonte de toda a sabedoria e conhecimento, pois, o conhecimento de Deus, de Seu Filho e de Sua Palavra, está acima de todo e qualquer conhecimento, os quais não perdem seu devido valor, mas devem ser ensinados com competência, dentro da visão filosófica da educação cristã adventista. A IFE começa com pessoas desde a portaria através de um bom atendimento, com profissionalismo, carisma, cortesia, com transparência dos valores, das virtudes cristãs. Inspirando confiança, segurança, paz. Agindo com gentileza, oferecendo informações precisas e necessárias e serviço de qualidade numa demonstração prática de valores éticos cristãos e da filosofia da educação adventista. Essa postura alcança e perpassa todos os departamentos e setores (pelo menos devem perpassar). Atinge também o serviço de apoio, serviços gerais de limpeza, pois a limpeza interna e externa, o ambiente escolar, inclusive os banheiros e todo o meio ambiente devem refletir a postura ambiental da instituição, os princípios de saúde, os conceitos de higiene encontrados na Bíblia junto ao conhecimento secular. E na sala de aula começa com o professor, por preceito e por exemplo. Visando a educação integral, a partir de um bom relacionamento com os alunos, interesse, vínculo afetivo antes do conteúdo programático. Seguindo-se então a integração dos conteúdos curriculares, fazendo toda conexão possível usando estratégias que levem a reflexão, criando pontes entre o secular e a fé, através de projetos interdisciplinares. (P3).

Quando perguntados sobre se a escola teria momentos especiais para favorecer a IFE, a maioria dos professores respondeu que sim e 90% destacaram principalmente “a semana de oração” como um desses momentos. Outros momentos foram “aulas de religião”, “capelas”, “congressos”, no entanto, também afirmaram que a IFE acontece em todos os momentos, afinal em uma escola “tudo educa”.

Se a IFE pode também acontecer em todos os momentos da vida escola e não apenas em momentos especiais, o que uma escola poderia fazer para gerar um clima de espiritualidade em seus ambientes? Os professores responderam: “*Cartazes, momentos de cortesia, programações, devocional antes do início da aula.*” (P1), “*Proporcionar melhores condições para o aprendizado da IFE, pois ainda são esporádicos.*” (P2), “*Ter profissionais que demonstrem cortesia e espiritualidade.*” (P4).

Com uma forte ênfase nos procedimentos metodológicos visando alcançar um ambiente espiritual o professor 3 respondeu:

Incluir no seu planejamento programas espirituais de alto nível com músicas e assuntos que toquem o coração e a mente. Usar dramatização, discussão, debates, Pesquisa, telejornais, jornal escrito, com entrevistas, parábolas modernas explorando temas que levem a reflexão. [...] Planejar interdisciplinaridade, não apenas com os professores e alunos, mas com toda a instituição. Outrossim, voltando as capelas semanais ou quinzenais com temas atuais, significativos, que atendam às necessidades acadêmicas, seculares, emocionais e espirituais interdisciplinarmente e integrados a fé, que estimule a conduta própria de um cidadão do mundo e da pátria porvir, que explore não apenas o conhecimento comum mas o conhecimento de Deus, Seu Filho e Sua palavra escrita e no livro da natureza. Banners expondo a Missão, a visão e os objetivos da educação cristã adventista. Painéis, Sites, Portais. Parabenizo nossa escola e toda a sua gestão pela iniciativa de exaltar o nome de Deus, expondo na entrada de alguns prédios a frase: “A Deus, nosso Criador e Mantenedor. (P3).

Percebemos que a IFE envolve não só os professores mas todo o corpo de funcionários da escola em todos os setores, no entanto os professores apontaram a necessidade de haver mais treinamento sobre a IFE para que a escola realmente seja envolvida pela atmosfera espiritual, portanto, isso implica em uma tomada de consciência por parte de toda a comunidade escolar sobre a importância de manter um ambiente favorável à vivência acadêmica em uma perspectiva cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de integração fé e ensino é o meio pelo qual as instituições educacionais adventistas podem cumprir o alto ideal de desenvolvimento harmônico das faculdades físicas, intelectuais e espirituais. Podemos entender o termo harmônico como um sinônimo de integração, íntegro, integral. Precisamos enquanto instituição educativa preparar nossos alunos para serem excelentes profissionais nos diversos ramos do conhecimento o que implica em cumprir os requisitos necessários para tal tarefa, citamos alguns, investir na formação de professores, elaborar propostas curriculares condizentes com as necessidades de formação requeridas pelo mercado de trabalho e pela vida em sociedade, investir em instalações escolares que apoiem e incentivem todo esse processo. No entanto, não podemos perder de vista que todos esses elementos devem ter como pano de fundo a eternidade, pois a nossa preparação aqui vai definir nossa utilidade nos serviços do mundo por vir, portanto segundo essa perspectiva, investir na formação de professores significa que além de a instituição adventista oferecer para os professores

as condições de formação e treinamento necessárias nos diversos assuntos da prática educacional deve também proporcionar situações de vivência e prática dos assuntos pertinentes à esfera espiritual e mais, treinamento e capacitação sobre como essas duas esferas podem interagir harmonicamente, ou seja, integralmente. Essa integração deve ser planejada e executada a nível curricular e extra-curricular, as reuniões de planejamento escolar devem incluir itens de como operacionalizar a fé e o ensino de maneira efetiva e eficaz, a troca de experiência entre os professores mais experientes e os mais novos é de vital importância nesse processo. Toda a comunidade escolar deve estar imersa em uma atmosfera que transpira o objetivo da educação adventista, o grande objetivo da vida, ou seja, restaurar homens e mulheres à imagem do seu Criador, e isso não se faz de maneira aleatória exige preparação e investimento.

REFERÊNCIAS

- AKERS, G.H. The measure of a school. **Journal of Adventist Education**, 40 (2), 7-9, 43-45, 1977.
- _____. Alimentando a fé no ambiente da escola cristã (1995) In: BEZERRA, Enrique (Org.), **Artigos e ensaios sobre a IFE com o aprendizado**. Nova edição ampliada. Instituto de educação cristã, 2001.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líder Livro Editora, 2005.
- AGUILAR, Rubem. Cosmologia e educação adventista In: CROSS Renato (Org.). **Cristo nas salas de aula: uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino**. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997 V.I.
- BAPTISTA, Dulce Maria Tourinho. Debate sobre o uso de técnica qualitativa e quantitativa de pesquisa In: MARTINEELLI, Maria Lúcia (Org.). **Pesquisa qualitativa: um instigante desafio**, 2003.
- BECKER, Rebecca D. Pode-se Integrar a fé nas aulas de Comunicação e Expressão? (1995) In: BEZERRA, Enrique (Org.). **Artigos e ensaios sobre a IFE com o aprendizado**, Nova edição ampliada, Instituto de educação cristã, 2001.
- BOGER, Walter. Características básicas da Educação Adventista, In: GROSS, Renato (Org.). **Cristo nas salas de aula: Uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino**. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997, V.I.
- BYRNE, H.W. **Uma abordagem cristã à educação: Uma visão bibliocêntrica**. Traduzido e adaptado por G.P. de Araújo. 1981. (Biblioteca da Faculdade Adventista da Bahia).
- CHAVES, Saint's Pinto. O professor como elemento integrador na relação fé-ensino: uma conscientização (1994). In: BEZERRA, Enrique (Org.). **Artigos e ensaios sobre a IFE com o aprendizado**, Nova edição ampliada, Instituto de educação cristã, 2001.
- COSTA, Isolda R. Integração fé e ensino: uma análise reflexiva In: **Revista da Escola Adventista: integração fé e ensino**, São Paulo: IAE (Instituto Adventista de Educação) 1999.
- FERRATER, J. **Dicionário de filosofia**, São Paulo: Ed Loiola, 2001.
- FOWLER, John M. **Visão de Mundo** In: BEZERRA, Enrique (Org.). **Artigos e ensaios sobre a IFE**

com o aprendizado. Nova edição ampliada, Instituto de educação cristã, 2001.

FUKNER, José Roberto, Qualidade total e Integração Fé e Ensino. In: GROSS Renato (Org.). **Cristo nas salas de aula:** Uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997, VI.

GAEBELEIN, F.E. **The patterns of God's Truth:** Problems of integration in cristian education. Winona lake, In: BMH Books, 1968.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** São Paulo: Atlas, 2007.

GROSS, Renato. Perfil do professor adventista. In: _____ (Org.). **Cristo nas salas de aula:** Uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997, VI.

HOUAISS **Dicionário da língua portuguesa.** RJ: Ed. Eletrônica (textos e formas) LTDA, 1999.

KORNIEJCZUK, Raquel Inés B. Niveles de Integración de Fe entre La Cosmovisión Y La Asignatura. In: GROSS, Renato (Org.) **Cristo nas salas de aula:** Uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997. Vol. 1. (p. 1-11).

LIMA, Jurandir Gomes de. Integração fé e ensino nas escolas adventistas. In: **Revista da Escola Adventista: Integração Fé e Ensino,** São Paulo: IAE (Instituto Adventista de Educação) 1999.

MIGUEL, José Iran. Integração fé e ensino aprendizagem nas ciências humanas. In: CROSS, Renato (Org.). **Cristo nas salas de aula:** Uma abordagem adventista sobre integração fé e ensino. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 1997 VI.

MICHAELIS, **Dicionário moderno da língua portuguesa.** São Paulo: Ed Melhoramentos, 2005.

MATOS, Admir J. Arrais de. Integrando fé e ensino na área de ciências. In: **Revista da escola adventista: integração fé e ensino.** São Paulo: IAE (Instituto Adventista de Educação) 1999.

MORA, Ferrater J. **Dicionário de filosofia.** São Paulo: Ed. Loyola, 2001.

RASI, Humberto M. O desenvolvimento da fé durante a vida do estudante In: **Revista da escola adventista: integração fé e ensino.** São Paulo: IAE (Instituto Adventista de Educação) 1999.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade:** uma introdução às teorias do currículo 2ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SUÁREZ, Adolfo Semo. **Sou professor e agora?** Sugestões para a prática de um ministério cristão eficaz. 2ª Ed. São Paulo: Lagoa Bonita, 2004.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

_____. **Educação.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1968.